

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE – UNI-BH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – DCC
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

CRISTIANO FIGUEIREDO TAMM

JORNALISMO ALTERNATIVO

Uma análise da cobertura política nacional da revista *Caros Amigos*, a partir de seus ensaios, artigos e entrevistas

Belo Horizonte
Novembro de 2005

CRISTIANO FIGUEIREDO TAMM

JORNALISMO ALTERNATIVO

Uma análise da cobertura política nacional da revista *Caros Amigos*, a partir de seus ensaios, artigos e entrevistas

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social do Departamento de Ciência da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação do prof. Fabrício Marques.

Belo Horizonte
Novembro de 2005

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 Anos 60: tempos de mudar o mundo.....	07
1.1 Cultura alternativa.....	09
1.2 No meio do caminho, a censura.....	11
1.3 Era uma vez nos jornais.....	13
2 Imprensa Alternativa: Uma Opção Política	19
2.1 Rejeição ao dinheiro.....	21
2.2 Somos alternativos	21
2.3 Leitores da imprensa alternativa.....	23
2.4 Matérias que faziam a diferença.....	24
3 Jornalismo Alternativo: Um Conceito De Notícia	26
3.1 Fontes divergentes: eles falam o que pensam.....	28
3.2 Notícias de jornal.....	30
3.3 Parcialidade na notícia.....	32
3.4 Critérios de noticiabilidade.....	33
3.5 Níveis da notícia.....	34
3.6 Pilares do jornalismo de oposição.....	35
4 Metodologia.....	39
4.1 Contexto histórico da revista <i>Caros Amigos</i>	40
4.2 Análise Qualitativa.....	42
4.2.1 Colunistas.....	46

CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
Anexos	61

INTRODUÇÃO

No mundo de hoje, uma das características da sociedade moderna é a presença marcante dos meios de comunicação de massa, que se especializam em diversos veículos de informação para atrair e fidelizar o leitor. A cada dia, surgem novos periódicos que buscam falar sobre os mais variados assuntos. Boa parte dessas publicações informativas são revistas semanais, cuja diversidade concede espaços ao apresentar diferentes formatos, estilos e, sobretudo, novas propostas de leitura-crítica e interpretação do cotidiano nacional e internacional aos leitores.

Entre os temas abordados nesses periódicos, *Veja*, *Isto é*, *Época* e *Carta Capital*, a política nacional é presença certa, sendo destaque nas primeiras páginas dessas revistas, por envolver assuntos de grande relevância para a sociedade em geral, como faz a *Caros Amigos*.

De periodicidade mensal, a revista destaca-se nesse assunto, uma vez que consegue focar, sob diversos ângulos, a cobertura nacional política, a partir de sua linha de abordagem, expressa em seus colaboradores – a maioria colunistas – e em suas “entrevistas explosivas”, expressão utilizada pela *Caros* para tratar de assuntos polêmicos, quer dizer, muitas vezes não veiculados na mídia ou sem o seu merecido espaço.

A análise da cobertura nacional da *Caros Amigos* é o objeto de estudo deste trabalho, a partir de seus artigos, ensaios e entrevistas. Para pesquisá-la, dividimos a monografia em quatro partes.

No primeiro capítulo, será abordada a contextualização a conjuntura mundial da época (1960 e 1970), bem como o movimento da Contracultura e a militância esquerdista, como espaços propícios para o surgimento do que se convencionou chamar “imprensa alternativa”. Logo em seguida, ainda nesta primeira parte, serão retratados os principais

“jornais nânicos”, outra expressâo criada para designar esta imprensa, bem como seus objetivos, obstáculos, atuações e personalidades e periódicos de destaque.

No segundo capítulo concentra-se a análise na imprensa alternativa, a partir de sua singularidade: oferecer uma outra proposta de leitura frente aos tradicionais meios de comunicação. Sua oposição intransigente à Ditadura Militar, sua linha de abordagem e alcances fazem parte deste tópicô.

Já no terceiro capítulo serão discutidos alguns aspectos relevantes da construção da notícia, como angulação, pauta e fonte, elementos determinantes para a caracterização da imprensa alternativa.

E, por último, o quarto capítulo é o momento da análise propriamente dita, que inclui um breve histórico da *Caros Amigos*, assim como sua contextualização, destacando o período em que surgiu. Na análise qualitativa da revista, a ênfase recai nos espaços concedidos às fontes, à angulação e à pauta, que determina sua linha de abordagem e todo o seu perfil editorial.

1 Anos 60: tempos de mudar o mundo

Minissaia, guerrilha, liberdade sexual, viagens à lua, televisão, estudantes enfrentando a polícia, cabelos compridos, feminismo, revolução: o mundo inteiro parecia querer mudar. Eram os anos 60 do século passado, década em que diversos movimentos sociais lutavam com um lema em comum: contestar o *establishment* (sistema). Todos, afinal, analisa Barbalho (2000), queriam defender uma causa e fazer militância, pois em qualquer lugar do mundo, o cenário era o mesmo: jovens no asfalto, pedradas, gás lacrimogêneo e a brutalidade da polícia (SCHMIDT, 2005).

Nesse cenário de grandes contestações e inquietudes, surgiram diversos movimentos sociais à época, como a Contracultura, conjunto de manifestações e mobilizações culturais nascida nos Estados Unidos.

Boa parte desse movimento teve maior expressão com jovens da classe média, que pregavam a contraposição à cultura e ao pensamento ocidental. Também chamada de *underground* e marginal, o grande enfoque era a contestação à cultura racionalista e materialista dos homens. Não era, como destaca Pereira (1992), uma revolta de despossuídos e, muito menos, de propor a redistribuição da riqueza social. Pelo contrário, era uma nova leitura crítica sobre os valores da sociedade que buscava, simplesmente, “cair fora do sistema” (PEREIRA, 1992, p. 22).

Para Barbalho, a Contracultura assumiu vários estilos em cada país. Nos Estados Unidos, onde teve maior expressão, caracterizou-se no aspecto comportamental, bem como a relação do homem com as drogas, com o sexo, o contato com a natureza, o misticismo e as sociedades alternativas. Na Europa, fundamentava-se mais no aspecto intelectual e

acadêmico, no qual se fazia críticas à velha esquerda e seu campo de atuação. Mais tarde, a partir dessas contestações, surgia a Nova Esquerda. Maio de 1968 seria seu maior exemplo.

No aspecto geral, pode-se dizer que a Contracultura foi um movimento que se espalhou pelo mundo, mas essencialmente marcou a cultura americana pelas características presentes, como a rejeição aos tradicionais movimentos militantes. Na verdade, foi uma tentativa de dar conta de uma nova realidade, onde o cenário mundial se afirmava entre ideologias antagônicas (esquerda x direita) e numa sociedade organizada em moldes técnico-industriais.

Segundo ainda Pereira, o início da cultura marginal foi em meados da década de 50 do século passado, com os *beatniks*, geração de poetas marginais dos bairros boêmios americanos, que recitavam poemas sobre sexo, drogas e orientalismo. O grande precursor do movimento foi Allen Ginsberg, líder e inspirador do grupo marginal *Flower Power*. Ginsberg foi um dos grandes idealizadores desse novo estilo de contestação, sendo presença obrigatória em grandes acontecimentos. Seu poema *Uivo* marcaria, definitivamente, a geração de poetas marginais que encarnaram a rebeldia daquela época, deixando raízes para a década seguinte. Era a vez dos alegres e coloridos *hippies*, que rejeitavam o caminho do intelectualismo e as tradicionais formas de luta da esquerda.

Morar no campo, viver em comunidade e despertar novas maneiras de apreender a realidade eram o objetivo. Outro segmento *hippie*, mais politizado e engajado socialmente, também surgiu na época. Porém, lemas como *Faça amor, não faça guerra*, marcariam, definitivamente, esse grupo, que inaugurava uma nova forma de contestação e luta social: a grande recusa aos valores ocidentais.

Porém, mesmo como uma nova forma de contestação, foi o *rock and roll* - estilo musical frenético - que simbolizou a cultura *urderground* da época. Afinal, o *rock and roll*, observa Maria Paes (2000), foi um estilo de vida, no qual se aliava rebeldia à expressão. Para

a autora, o *rock* foi uma das principais fontes de inspiração de mudança dos anos 60 do século passado.

Como bem descreveu Pereira (1992), foi através do *rock* que personalidades da época, como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Rolling Stones e os Beatles retrataram e encarnaram bem esse movimento. *Woodstock* e *Altamont*, ilustra o autor, “extrapolaram as fronteiras musicais e marcaram época na história do movimento de rebelião da juventude internacional” (PEREIRA, 1992, p.68).

1.1 Cultura alternativa

No palco nacional, analisa Barbalho, a influência da Contracultura, que contestava velhas idéias e antigos comportamentos, identificou-se com o Tropicalismo, grupo musical que criou uma nova linguagem artística (BARBALHO, 2000).

Para Barbalho, o Tropicalismo recusou a concepção revolucionária, “não acreditava na tomada de poder pela vanguarda operária, nem vivia em função futura de uma sociedade socialista” (BARBALHO, 2000. p. 17). Na verdade, o movimento se voltou mais no aspecto rebelde, exibido nas roupas dos cantores.

Nesse contexto, observa Barbalho, surgia a “cultura alternativa”, expressa em livros, jornais e na própria literatura como papel principal das atividades políticas. Acreditava-se, segundo o autor, na “importância da cultura como força transformadora da sociedade” (BARBALHO, 2000. p. 11). Os jornais políticos, para o autor, responderiam a boa parte deste caldo cultural. Pouco tempo depois, esses periódicos seriam conhecidos como “imprensa alternativa”.

Na verdade, de acordo com o autor, “surgiu um imenso circuito alternativo, que procurava contestar e, até mesmo, subverter as relações de modo de produção cultural

dominante” (BARBALHO, 2000. p. 25). Por esse viés, acredita Barbalho, surgiu a imprensa alternativa, influenciada, também, pela Contracultura. A partir daí, nasciam diversas publicações jornalísticas, abrangendo temas considerados antes tabus. Sexualidade, arte e ecologia foram alguns exemplos dessa vertente jornalística (BARBALHO, 2000).

Assim, começavam a surgir os termos “nanica” e “alternativo”, que expressam adequadamente às perspectivas desses jornais. Nanica pois contrapõe-se à grande imprensa, ou seja, porque é pequena devido à sua estrutura e ao seu suporte financeiro, bem diferente dos grandes jornais. Já alternativa, pois “chama a si os que desviam de um caminho inicial, no caso, a imprensa tradicional” (BARBALHO, 2000. p. 28).

Para Chinem (1995), a imprensa política ficou conhecida, também, nos anos 60 do século passado, como imprensa *underground*, *udigrúdi* e independente. Apesar de distintos nomes, destaca o autor, ela tinha um traço em comum: era a única que fazia perguntas e questionamentos. A expressão “imprensa alternativa”, de acordo com Chinem, foi cunhada pelo jornalista Aberto Dines, editor na época, julho 1975, do “Jornal do Brasil” e da sucursal da “Folha de São. Paulo”.

Nascida nos anos 60 do século passado, no contexto do regime militar, segundo Kucinski, a imprensa alternativa simbolizou as últimas manifestações de utopia no Brasil. Seu objetivo era promover transformações institucionais, baseados no ideal esquerdista e existencialista.

Seu surgimento, observa Kucinski, se dá após um fluxo de manifestações e de lutas armadas pós -1968. Nesse momento, um grande número de protagonistas, pertencentes às gerações pós-Estado Novo e final dos anos 1960, principalmente jovens jornalistas - oriundos da academia e articulados com movimentos políticos - dão origem a uma das fases mais ricas do jornalismo brasileiro (KUCINSKI, 1991). O surgimento da imprensa

alternativa, para Barbalho, possibilitou grandes contatos de gerações, especialmente entre artistas e intelectuais.

No total, nasceram cerca de 150 periódicos, entre 1964 e 1988, nos quinze anos da Ditadura Militar. Ao contrário da complacência da grande imprensa, como observa Kucinski, “denunciavam sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos e criticavam o modelo econômico” (KUCINSKI, 1991. p. XIII).

Todos eles, além da coragem, destaca Chinem, caracterizavam-se pela oposição intransigente ao regime militar, à tortura, à violação sistemática contra os direitos humanos e ao modelo econômico. Tudo isso, ainda, contra alguns periódicos da grande imprensa, que preferiam ficar ao lado dos que estavam no poder.

1. 2 No meio do caminho, a censura

Porém, observa Barbalho, se de um lado havia militância e organização por parte da esquerda, por outro, havia também setores bem organizados e conservadores, como o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), que se opunham, categoricamente, aos movimentos esquerdistas.

Essas instituições, analisa Barbalho, que formaram-se pelo Grupo Superior de Guerra, receberam financiamentos de capital nacional e estrangeiro para combater a oposição, no caso o movimentos de subversão, a esquerdista brasileira (BARBALHO, 2000).

Mais tarde, essas organizações, fundamentaram-se a base da Doutrina de Segurança Nacional, o que ajudaria a deflagrar o golpe militar, em abril de 1964. Era o início de anos difíceis para a oposição, em especial, à imprensa alternativa. Afinal, observa Kucinski, o aparelho militar distinguia os jornais alternativos dos demais, perseguindo-os e submetendo os que julgavam mais importantes a um regime especial, draconiano, de censura

prévia. Do outro lado da página, ou seja, a grande imprensa, como chama Chinem, que esteve sempre ligada à classe hegemônica, compactuou com o regime e suas atrocidades. Muitos jornais, observa o autor, praticaram a autocensura com posturas coniventes na época.

Além desse pacto de interesses, analisa o autor, havia a censura estipulada em regras que proibia, por exemplo, contestar o regime vigente, publicar notícias de assaltos a estabelecimentos de crédito, fazer publicidade sobre nações e pessoas comunistas, criticar os governantes estaduais e exaltar a imoralidade, com notícias sobre homossexuais, prostituição e drogas (CHINEM, 1995).

Para se ter idéia do aparelho censor do Estado¹, o governo empregava cinco mil pessoas em tempo integral para fazer a censura. Filmes, peças, jornais, televisão e teatro eram examinados pelos censores (CHINEM, 1995). É neste contexto que os contos de Jorge Amado e de Dalton Trevisan foram censurados, sob alegação de que feriam a ordem moral.

Outra característica da censura era a intervenção direta, isto é, o poder de cortar, suprimir ou acrescentar informações propositais aos jornais para beneficiar o governo. Um exemplo, destaca o autor, é o caso das palavras “proscrito”, “clandestino” e “extinto”, sempre usadas quando aparecia a sigla do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Quando não bastava censurar as palavras, tomavam-se outras atitudes extremas, como a explosão do saguão do jornal “O Estado de São Paulo²”, em 20 de abril de 1968, e inúmeras invasões a casas de suspeitos (jornalistas). Tais ações justificavam-se, segundo o autor, como prática comum adotada pelos órgãos públicos que defendiam a segurança nacional, doutrina ideológica dos militares.

Ao contrário do que acontecia no Brasil, onde o governo impunha a censura, segundo Chinem, nos Estados Unidos, os principais jornais publicavam matérias sobre a

¹ Dados coletados pela repórter Marlise Simons, da revista americana *MS*, importante publicação feminina dos Estados Unidos na época (1970), que ouviu um censor brasileiro do regime militar.

² Embora pertença ao grupo da grande imprensa, o Estadão sofreu algumas intervenções dos militares por veicular notícias que atentavam contra a segurança nacional, doutrina ideológica do regime militar de 1964.

guerra do Vietnã com a aprovação da Suprema Corte norte-americana. Pouco tempo depois, o resultado era visto na prática: a saída dos americanos do conflito (CHINEM, 1995).

Porém, no Brasil, a censura atingiria seu pico máximo em 1968, precisamente, às 18 horas do dia 13 de dezembro daquele ano. Era a implantação do Ato Institucional nº5. Eram os “anos de chumbo” que anunciavam uma fase difícil para a militância, em especial para os jornais alternativos. Em outras palavras, o terrorismo de direita oficializa-se, agora, em terrorismo de Estado. Começavam as limitações dos jornais alternativos frente ao regime e à grande imprensa, que, em alguns casos, torna-se vítima, também, da ditadura (CHINEM, 1995).

Um exemplo: pouco antes do decreto do AI-5, mas que se tornou comum depois, foram as séries de atentados (explosões) às bancas de jornais, promovidos por soldados e sargentos da Força Pública de São Paulo ao comando de Aladino Félix, também conhecido por Sábado Dinotos. Na época, o jornalista Alberto Dines observou serem prática comum esses atentados, uma vez que o Centro de Informações do Exército (CIE) referia-se à imprensa como “um antro de radicais que querem desestabilizar o regime” (CHINEM, 1995, p. 24). Tais explosões, segundo o autor, tinha um objetivo: impedir que esses jornais chegassem aos leitores.

1. 3 Era uma vez nos jornais

Alguns jornais alternativos, segundo Chinem, nasceram bem antes da ditadura, apesar dos principais serem dessa época. É o caso do jornal *Binômio*, lançado em 12 de fevereiro de 1952, pelos estudantes mineiros de jornalismo José Maria Rabelo e Euro Arantes. O nome do jornal era uma crítica ao *slogan* do presidente Juscelino Kubtscheck, binômio energia-transporte, programa de governo muito falado pela grande imprensa. Diferente dos

jornais convencionais, o *Binômio* era divertido e engraçado, conseguindo atrair boa parte dos leitores. Porém, seu fechamento aconteceu com a implantação da ditadura militar, no dia 31 de março de 1964.

Dois meses depois do golpe, chegava às bancas O *Pif-Paf*, dirigido por Millôr Fernandes³, antigo colunista da Revista *O Cruzeiro*. Irreverente e humorista, *Pif-Paf* criticava o regime com textos e desenhos que retratavam os presidentes e as principais lideranças do governo. Quatro meses depois, na oitava edição, o jornal fechava. O motivo: publicou uma fotomontagem do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, como uma das candidatas ao suposto título “Miss Alvorada 65”.

É interessante observar, como caracteriza Kucinski, que os intelectuais humoristas foram os grandes colaboradores e protagonistas do jornal alternativo. O *Pif-Paf* (1964) e *O Pasquim* (1969) são exemplos dessa vertente. Isso ocorre, para o autor, após a edição do Ato Institucional número 2, cuja repressão tornou-se violenta, decretando o fechamento de muitos jornais. Dessa maneira, abriu-se um espaço para o humor na imprensa brasileira. Grandes intelectuais humoristas aproveitaram esse espaço para criticar, ironizar, debochar e contestar o regime militar. Ziraldo, Millôr Fernandes, Henfil, entre outros, estão como os principais protagonistas do capítulo da história do jornalismo alternativo.

Outro importante jornal alternativo foi o *Ex*, surgido em novembro de 1973, no bairro boêmio do Bexiga, em São Paulo, numa época em que a imprensa estava mais distante do povo. *Ex* representava, para Chinem, “uma imprensa viva, que questiona, que duvida, que enfrenta, vasculha, alerta, remexe, depõe, derruba, cheira a algumas coisa e fede” (CHINEM, 1995, p. 33). Em novembro de 1973, depois de 24 meses de vida, era fechado a mando do Ministro da Justiça, Armando Falcão, aquele que dizia “Nada a declarar”. A

³ Pouco tempo antes do lançamento de *Pif Paf*, Millôr estava em Lisboa, quando recebeu a notícia de sua demissão de *O Cruzeiro*, a mais famosa revista no Brasil à época, com tiragem de 750 mil exemplares semanais.

publicação da morte do jornalista e diretor da TV Cultura, Wladimir Herzog, era o motivo. Novamente, a censura fechava mais um jornal.

Na época, outro importante jornal foi *Versus*, criado na vila Mariana, São Paulo, pelo jornalista Marcos Faerman, um dos criadores do *Ex. Versus* era uma imprensa voltada para outros aspectos da realidade, como a cultura, a arte, a história, a antropologia, a psicanálise e a psiquiatria. O jornal, que sempre adotou um estilo literário em suas reportagens, terminaria com o forte sectarismo da Convergência Socialista, facção de esquerda.

Caracterizado como a única imprensa que fazia perguntas e apontava questionamentos, surgiu o jornal *Repórter*, que, como o próprio nome indicava, procurava resgatar o lado questionador da reportagem, perdida pela grande imprensa. Sem pertencer a qualquer facção de esquerda, *Repórter* foi apreendido várias vezes, sob alegação de que suas reportagens atentavam contra a moral e os bons costumes. A edição 35, por exemplo, de 7 de novembro de 1980, tinha como manchete: “Sexo Com a Boca”, que falava sobre desvios de recursos públicos para a candidatura de Paulo Maluf à presidência da República. *Repórter* foi um dos jornais que mais vendeu em bancas de jornais.

O Trabalho, editado por uma facção trotskista da Quarta Internacional, de 23 de abril de 1978, e *Voz da Unidade*, que começou em 1980 sob orientação do PCB, foram jornais alternativos de forte trajetória política e doutrinária. Mais tarde, essas mesmas tendências ideológicas seriam o motivo do fim dos jornais. Na mesma linha, *Tribuna da Luta Operária*, que surgiu em 7 de novembro de 1979, data em que os comunistas comemoram a Revolução Russa, deu o lugar ao *Classe Operária*, periódico mensal do PCB. Apesar da forte oposição política, esse jornal havia resistido por nove anos.

Surgido em um período de forte niilismo na imprensa, julho de 1969, data em que os jornais ainda não haviam se recuperado do susto do AI-5, *O Pasquim* marcaria o cenário da

imprensa alternativa. Comandado pela antiga turma do *Pif-Paf*, Ziraldo, Jaguar, Claudius e, mais tarde, por Millôr Fernandes, diretor do jornal, *Pasquim* não era um periódico político, era um jornal debochado, de contestação, com uma linguagem desabrida, bastante atrevido para os padrões da época. Com recorde de vendas⁴, 100 mil exemplares, quatro meses depois de seu lançamento, *O Pasquim* tornou-se um ponto de referência para a classe artística, mudando, inclusive, hábitos e comportamentos de jovens e adolescentes, especialmente do interior. Porém, no dia 30 de outubro de 1970, boa parte da turma do jornal foi presa, entre eles, Ziraldo, Jaguar, Fortuna, Tarso, Francis, Maciel, Sérgio Cabral, Flávio Rangel e José Grossi, diretor comercial. Além de presos, o jornal foi censurado. O motivo seria a brincadeira de um dos humoristas, que colocou Dom Pedro gritando “Eu quero mocotó”, no quadro *O Grito do Ipiranga*, de Pedro Américo. A fotomontagem foi considerada, novamente, atentador para a segurança nacional. Mais tarde, descobririam que a prisão era a mando do general João Batista Figueiredo, futuro presidente militar.

Além do cartunista Millôr, outros importantes humoristas trabalharam no *Pasquim*, como Henfil, que ajudava a montar o jornal, contribuindo com toda a singularidade encontrada nos desenhos e na linguagem do periódico, uma das marcas da publicação.

O Pasquim, de acordo com o autor, foi a Lei Áurea da Imprensa, pois tirou as aspas da imprensa, ou seja, a conivência dos jornais com o regime militar. O jornal terminou nos anos 90 do século passado, sendo homenageado por uma escola de samba. Afinal, tinha terminado como começou: fazendo humor.

O *Opinião*, outro importante jornal alternativo, chegava às ruas no dia 23 de outubro de 1972, ao comando do jornalista Raimundo Pereira e do empresário Fernando Gasparian. Era um jornal diferente e que não iria fazer política, mas mostrar ao público que a notícia era apenas uma pequena parte da verdade, destaca o autor. Era um jornal que

⁴ Para o livro *A Imprensa Alternativa*, *O Pasquim* foi um dos jornais mais lidos da imprensa alternativa à época, conseguindo sobreviver até os anos 90, algo incomum para esses jornais que chegavam a ter no máximo quatro anos de sobrevivência.

publicava e apresentava protagonistas sociais e cenários até então desconhecidos do grande público, através das seções “Cenas brasileiras” e “Gente brasileira”. Além disso, falava sobre os direitos do consumidor e do meio ambiente. Na época, provocou uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre abusos na comercialização de medicamentos e projetou, em termos nacionais, críticos, escritores e ensaístas (CHINEM, 1995).

Era um jornal, de acordo com Chinem, que crescia a cada dia, despontando como um dos periódicos mais influentes na época. Porém, quando chegou à oitava edição, o jornal passaria a ser censurado. *Opinião* sofreria a censura prévia, com intervenções em seus textos. Havia um censor especial para a publicação que cortava tudo o que era considerado perigoso contra a segurança nacional. Seu pior momento de repressão foi quando saiu na capa do jornal, no dia 10 de abril de 1973, o cardeal paulista Dom Paulo Evaristo Arns. A partir desse fato, o jornal era revisto integralmente antes de ser impresso. Em outras palavras, a edição ficava por conta do regime militar.

O *Opinião*, segundo o autor, sofreria uma das mais duras censuras do regime por ser um dos jornais de maior prestígio na época. Sendo submetido à censura com vários inquéritos instaurados, o jornal voltaria a circular somente quando estivesse totalmente livre de censura. Era o anúncio do fim do *Opinião*.

Encerrando o quadro de importantes jornais alternativos, destaca-se o impresso *Movimento*, idealizado por Raimundo Pereira, ex-jornalista do *Opinião*. Composto por várias correntes de esquerda, como jornalistas, deputados de oposição e estudantes, *Movimento* tinha como proposta exercer o papel político da esquerda, uma vez suprimido pela ditadura. Outra parte do jornal era formada por personalidades do meio cultural e político, como o cantor Chico Buarque e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, respectivamente. Porém, a maior parte do jornal era composto de ex-estudantes e jornalistas progressistas saídos de

movimento estudantis e que viam no jornalismo alternativo uma forma acessível de se lançar na profissão (CHINEM, 1995).

Censurado na primeira edição, novamente, por ser considerado perigoso para a segurança nacional, *Movimento* falava de um acordo nuclear entre Brasil e a Alemanha. Para se ter uma idéia, nos primeiros 15 números do jornal, 184 reportagens foram censuradas ⁵ (CHINEM, 1995). Como se não bastasse, Raimundo Pereira, também, fora preso.

Assim como os outros, *Movimento*, que durou seis anos e meio, teve sua última edição, número 334, em novembro de 1981. Com o término da censura, *Movimento* limitou-se a dar contribuição teórica às lutas e organização de movimentos. Inserido no período de redemocratização, por volta dos anos 80 do século passado, não havia mais espaço para o *Movimento*, assim como a notícia passava a ser considerada uma mera mercadoria. Era o fim de mais um jornal alternativo.

A partir de 1980, o engajamento social foi, aos poucos, destinado aos sindicatos e partidos políticos, promovendo a dissolução do imaginário dos jornalistas alternativos. Em outras palavras, a institucionalização, por parte do jornalismo alternativo, passou para os movimentos sindicais e populares, criando outras possibilidades táticas e estratégicas no campo político, analisa Kucinski (1991).

Neste novo panorama sociopolítico, não havia mais uma articulação política, como se definia nos jornais alternativos. Por conseguinte, o jornalista passava a ser assalariado e precisava defender “posições políticas e programáticas das instituições que o emprega” (KUCINSKI, 1991.p. 121). Era a mudança do jornalista, não mais sujeito do processo, e autônomo no exercício de sua profissão. Passava, agora, apenas a ser funcionário.

2 Jornal Alternativo: uma opção política

A expressão “imprensa alternativa”, segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, em seu *Novo Dicionário*, consagrou-se como exemplo do termo alternativo. Para o autor, alternativo significa como algo que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes: imprensa alternativa (CHINEM, 1995, p. 8).

Autodenominada alternativa pelos próprios jornalistas nos final dos anos 60 do século passado, no contexto do regime militar, para Chinem, era a única imprensa que fazia perguntas e apontava questionamentos. Segundo o autor, ao contrário de alguns periódicos burgueses, que compactuaram com a Ditadura Militar, os jornais alternativos caracterizavam-se pela oposição intransigente ao regime militar, à tortura, à violação sistemática contra os direitos humanos e ao modelo econômico (CHINEM, 1995). Ela sistematicamente voltava-se contra o regime dos militares, divulgando e discutindo os grandes acontecimentos políticos da época.

Era uma imprensa, analisa o autor, que tentava propor alternativas, e não apenas de notícias, “mas de mercado, de postura e organização acionária, a sonhada empreitada do jornalista” (CHINEM, 1995, p.7). Em síntese, ressalta Kucinski (1991), tinha uma proposta: promover a revolução, cujos movimentos sociais não conseguiram.

Segundo ainda Kucinski, a imprensa alternativa dividiu-se em duas partes. A primeira, de cunho predominantemente político, voltado às raízes ideológicas e populares. E, a segunda, contra costumes e rupturas culturais, típicas da Contracultura (KUCINSKI, 1991). O grande exemplo, para o autor, foi a revista *Realidade* que, mesmo pertencendo ao grupo Abril, conglomerado do ramo da comunicação⁶, era concebida como a grande matriz do

⁵ De acordo com os dados do livro *Imprensa Alternativa – Jornalismo de Oposição e Inovação, Movimento* foi considerado um dos periódicos mais visados da história do regime militar, sendo censurado implacavelmente (CHINEM, 2000).

⁶ O Grupo Abril, da família Civita, concentra as principais atividades de comunicação no Brasil. *Veja*, *Playboy* e MTV são algumas empresas de seu conglomerado.

jornalismo alternativo. Esse periódico conseguia reunir a base de atividade do jornalismo alternativo, pois aliava a vertente ideológica à existencial, característica marcante na atuação dos jornalistas.

Sua grande característica, porém, ressalta Abramo, era contrapor-se à grande imprensa, ou melhor, à imprensa burguesa, também chamada de imprensa oficial. Ou seja, a diversidade informativa era o marco desses jornais independentes.

Nesse sentido, ilustra Abramo, era alternativa, no ângulo de abordagem das matérias, nas fontes, na orientação oposicionista da análise e da interpretação, e, naturalmente, no posicionamento ideológico e político do assunto tratado, que se refletia nos títulos, nas fotos, nas charges e editoriais. Entre outros termos, caracterizava-se por uma linha editorial diferente, com toda uma estrutura de pensamento e lógica conceitual dissidente.

Desse modo, assim era a marca da imprensa “nanica”, uma vez que conseguia contrapor o que era dito na grande imprensa. Era, como destaca Abramo (2005), na maior parte dos casos, partia das informações veiculadas pela própria imprensa burguesa à qual se pretendia combater. A imprensa alternativa servia como uma outra versão e interpretação dos fatos.

Nesse aspecto, é importante observar, como descreve Lage (2000), que a notícia não narra somente os acontecimentos, mas expõe os principais momentos, seguindo um interesse. No caso da imprensa alternativa, era contrapor-se à versão da comunicação oficial.

Quanto ao conteúdo da notícia, ainda segundo Lage, atualmente, os jornais tendem-se basear em duas vertentes: o direito à informação e a liberdade de informar, características centrais dos jornais alternativos na época, uma vez que não dependiam ou estavam aliados aos grupos políticos hegemônicos. Ao contrário, do outro lado das páginas, ou seja, da grande imprensa, que praticava uma cobertura parcial, de acordo com os interesses dos militares. Para Kucinski, uma parte considerável dos jornais tradicionais da época foi

conivente com o governo, veiculando matérias em conformidade com o regime militar, apesar de alguns casos de denúncias, como a primeira edição da revista *Veja* de 1969, um ano depois de instaurar o mais ditatorial Ato Institucional n.ºAI5.

2. 1 Rejeição ao dinheiro

Aliás, essa é outra caracterização da imprensa alternativa que, além de seu posicionamento dissidente, combatia a propriedade dos meios de comunicação. Segundo Kucinski (1991), essa atitude, na verdade, referia-se a uma rejeição expressa ao lucro, portanto, ao capitalismo. Essencialmente, o caminho da imprensa alternativa remetia a um posicionamento independente e centrado, algo bastante diferente de grandes empresas e grupos hegemônicos. Muitos jornalistas dos periódicos humorísticos rejeitavam abertamente o lucro. Havia, segundo nas próprias palavras de Kucinski, “um espírito anticapitalista”, como descreveu Marx Weber, no seu livro *Ética Protestante e o Espírito Capitalista* (Kucinski, 1991. P. XIX).

O Pasquim, por exemplo, um dos maiores jornais alternativos da época, era um exemplo marcante de rejeição ao lucro e, portanto, ao capitalismo. O financiamento desses jornais, contudo, eram realizados pelos donos de jornais alternativos. A razão para esse repúdio, para Kucinski, reflete no comportamento ético e político dos jornalistas da época.

2. 2 Somos alternativos

A imprensa alternativa é, como se observa no livro *Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil*, um projeto de jornalistas que assumem seus objetivos

políticos e oferecem alternativas a grupos segregados pela grande imprensa, portanto o que se mais reflete é o objetivo político, não necessariamente financeiro.

Para Abramo, em si, a imprensa alternativa não ofereceu ao leitor uma opção de leitura, do tipo que o cidadão deixaria de ler jornais da grande imprensa, como “Jornal do Brasil” e “Estado de São Paulo”, por “Opinião” ou “Movimento”, periódicos políticos da imprensa nanica. Ela oferecia, sim, uma contraposição, ou melhor, um contraponto à imprensa burguesa do que efetivamente tentar substituí-la. Em outras palavras, permitia ao leitor saber o que era dito fora dos parâmetros oficiais, veiculados pela imprensa burguesa, muito atacada na época pelo seu comportamento, em alguns casos, acrítico.

Assim, destaca o autor, a dificuldade em precisar o sentido da expressão “alternativa” deve-se ao papel da imprensa política que se tentava fazer em contraposição à grande imprensa, que compactou, segundo Kucinski, com o regime militar.

A razão fundamental para isso, analisa Abramo, era a limitação dos recursos financeiros, materiais e humanos para enfrentar a imprensa oficial, que começou a se fortalecer justamente a partir da implantação da ditadura militar em 1964. Outro ponto, destaca Abramo, era a relação de dependência com os grandes jornais e revistas, sendo que era através deles que se podia dizer, contrapor, corrigir, dismistificar e ser desvendado pela imprensa alternativa. Esperava-se ver veiculadas as matérias pela grande imprensa para depois debatê-las. Para o autor, era uma dependência contraditória que limitava os jornais nanicos, pois a maior parte de informações da imprensa alternativa provinha da grande imprensa burguesa.

Nessa perspectiva, segundo Abramo, ela passou a preencher um espaço vazio deixado pela imprensa oficial em relação ao campo popular e seu conteúdo acrítico. Ela representou um importante movimento de oposição e resistência, uma vez que outros grupos de luta encontravam-se reprimidos pelo regime militar. Em um determinado momento,

observa o autor, a imprensa alternativa foi a voz dos movimentos de esquerda no Brasil (ABRAMO, 2005).

2. 3 Leitores da imprensa alternativa

A imprensa nanica, para Maria Araújo (2005), representou uma das possibilidades de luta política mais importantes da época, justamente por se apresentar como um fenômeno político. Segundo a autora, apesar de ter uma circulação restrita e vendagem irregular, os jornais alternativos destacavam-se pela posição atuante, questionadora e polêmica em suas reportagens e matérias publicadas.

Outra característica da imprensa nanica era em relação ao conjunto de seus leitores, formados, em sua maioria, por políticos, ativistas sindicais, militantes e dirigentes de organizações revolucionárias. Em outras palavras, as camadas mais esclarecidas e politizadas da sociedade compunham o público de leitores da imprensa alternativa.

Embora lessem a imprensa nanica, esse mesmo público, composto por setores mais engajados socialmente, segundo Abramo, não dispensava a grande imprensa, pois era nela que se informava, encontrava as versões oficiais e lia explicações tecnocráticas. Depois esses leitores conferiam na imprensa alternativa as informações, servindo como uma espécie de versão da oposição.

Dessa maneira, o engajamento político, característica marcante dos jornais alternativos, segundo Kucinski, destinava-se a um pequeno público, consciente e já esclarecido, o que enfraquecia os projetos nacionais propostos por essa imprensa (KUCINSKI, 1991).

Conduto, observa Kucinski, ela “pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de

um espaço público reflexo, contra-hegemônico” (KUCINSKI, 1991, p. XXI). Afinal, sua grande meta, destaca Kucinski, era promover transformações institucionais, baseadas no ideal esquerdista e existencialista.

2. 4 Matérias que faziam a diferença

Outra particularidade que destaca os jornais de oposição, além da própria capacidade dos seus leitores, era, sobretudo, a qualidade das matérias escritas sobre as análises de conjuntura e das propostas políticas.

O grande problema, analisa Abramo, era ou o sectarismo, marcado pelo extremismo nas atitudes da esquerda frente a uma alternativa radical à ditadura, ou os recuos que ofereciam uma oposição democrática e liberal sem propostas alternativas frente ao regime. Nas palavras de Abramo, a situação era semelhante a um pêndulo.

Para Maria Araújo, a imprensa alternativa apresentava essas características, pois congregava vários tipos de periódicos. Jornais de esquerda aliados a jornalistas de oposição, às organizações clandestinas e políticas; revistas de Contracultura, que reuniam intelectuais, artistas marginais, que produziam fora da cultura oficial. Completam, ainda, o quadro dessa imprensa, publicações de movimentos sociais, entre elas, estudantis, de bairros e, principalmente, de minorias políticas, como a imprensa feminista.

Essas publicações, observa a autora, que não eram feitas por jornalistas, apresentavam características e dinâmicas próprias, mas todas com traços comuns: eram de oposição ao governo militar.

Todas essas características, segunda a autora, representavam, por um lado, a busca de novos espaços por parte de jornalistas que se sentiam limitados em sua atividade crítica na

grande imprensa; e de outro, a necessidade de intelectuais, artistas e estudantes universitários de construir espaços de resistência ao regime

Boa parte desses jornais, que conviveu entre o público e clandestino, legal e ilegal, sucumbiu aos impasses públicos das organizações que os respaldavam. *Opinião, Em Tempo, Versus e Movimento* ilustram esse exemplo.

A imprensa alternativa, destaca Abramo, foi uma das forças que mais abalou a ditadura e abriu perspectivas de dias melhores. Os jornais alternativos tornaram-se verdadeiros palcos para atividades sociopolíticas (ABRAMO, 2005).

Apesar de não ter a mesma sistematicidade e tiragem da grande imprensa e, muito menos, cobrir os acontecimentos diários, a imprensa alternativa constituiu-se como uma fonte privilegiada para a história das mentalidades, confrontando informações de outras fontes. Ela serviu, para Maria Araújo (2005), de contrapartida da visão dos próprios movimentos de esquerda, da sociedade e da época em que viveu. Foi uma imprensa que produziu os principais debates políticos e os questionamentos da época.

As grandes polêmicas, as tendências culturais e artísticas, além das críticas e denúncias, encontravam-se não nos jornais da imprensa burguesa, mas nas páginas da imprensa alternativa. Em uma interpretação plausível: foi o caminho, ou melhor, o meio mais consistente de voltar à democracia, acreditam os intelectuais da época.

3 Jornalismo Alternativo: um conceito de notícia

Depois de conceituar a imprensa alternativa e mostrar em qual contexto histórico ela surgiu - regime militar (1964 – 1985), faz-se necessário, neste terceiro capítulo, discutir alguns aspectos relevantes da construção da notícia dos jornais alternativos, a partir da elaboração da pauta e, acima de tudo, da angulação de suas matérias. Nesse sentido, para melhor elaboração desse quadro de estudos, outros assuntos serão trabalhados, como a conceituação de notícia, seus critérios de noticiabilidade e os vários tipos de fontes, entre elas, as oficiais. Assim, isso permitirá melhor analisar e compreender o comportamento da imprensa alternativa e suas características.

Ao conceituar a expressão “imprensa alternativa” como aquela que se opõe aos interesses ou tendências políticas dominantes, ABRAMO (2005) destaca que sua grande característica - questionadora, corajosa, inquietante, oposicionista e militante – devia-se ao seu ângulo de abordagem. Em outras palavras, era a pauta dos jornais alternativos que determinavam essas qualidades que, para Lage, definem a linha editorial de qualquer periódico.

Surgida, primeiramente, nos *magazines*, uma vez que as revistas, ao contrário dos jornais diários, não têm que cobrir todos os assuntos de sua área de abrangência, a pauta, de acordo com o autor, generalizou-se aos periódicos diários brasileiros, como *Última Hora*, de Samuel Wainer, de cunho getulista, e *Diário Carioca*, do Rio Janeiro. A pauta, afirma o autor, deve selecionar as informações, a partir de enfoques e abordagens que definirão sua linha editorial, o que identificará, nas matérias veiculadas, o posicionamento político e ideológico de qualquer jornal.

Antes da instituição da pauta, observa o autor, somente as matérias principais ou de interesse eram programadas. Os jornalistas, destaca Lage, eram obrigados a cumprir um

limite de matérias, sendo que não havia uma definição de abordagem, determinada por uma pauta (LAGE, 2004).

Nesse sentido, a pauta serve como uma linha de orientação à matéria pretendida, pois permitirá selecionar fatos que darão sustentação a um ângulo de visão sobre um acontecimento. Seu objetivo, descreve o autor, é distribuir recortes sobre um mesmo assunto (LAGE, 2004).

Dessa maneira, destaca Abramo, a imprensa nanica se consagrava “alternativa” justamente no ângulo de abordagem das matérias, nos informantes ouvidos em *off* e nas fontes. Enfim, na orientação oposicionista da análise e da interpretação, e, naturalmente, no posicionamento ideológico e político do assunto tratado, que se refletia nos títulos, nas fotos, nas charges e editoriais. Em outros termos, caracterizava-se alternativo por adotar uma linha editorial diferente, com toda a estrutura de pensamento e lógica conceitual dissidente da grande imprensa.

Ao retratar a pauta dos veículos de comunicação de massa, de acordo com Lage, em revistas semanais, quinzenais ou mensais, pode haver mais de uma reunião de pauta (LAGE, 2004). Nesses casos, alguns fatores - agressividade, atualidade ou assuntos exclusivos - típicos de alguns editores, caracterizam ainda mais as matérias (LAGE, 2004).

Para Lage, a pauta planeja uma edição por editoriais, a partir de uma listagem dos fatos a serem cobertos nos noticiários e assuntos, determinando “o ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para trabalho e sugestões de fontes etc” (LAGE, p. 34. 2004).

Além de organizar a edição, a pauta, para o autor, assegura a “conformidade da matéria do jornal ou revista com interesses empresarias ou políticos” (LAGE, p. 36, 2004). Essa prática, segundo Lage, é mais usual em grandes reportagens. O problema, adverte o autor, é quando se abusa desse viés nas pautas, tornando a mensagem jornalística em um

discurso único, não pluralista, característica central dessa atividade. Em suma, a informação nasce da boa observação do pauteiro que seleciona e define quais as condições de interesse público necessárias para transformar um fato em notícia.

Outras fontes de informação, segundo Lage, que organizam as pautas, são as notícias publicadas em rádios, jornais, televisão e entre outros. Em geral, resume o autor, são dados que “chegam ao conhecimento dos repórteres em seu trabalho” (LAGE, p. 45, 2004).

É interessante, ilustra Abramo, que boa parte da atividade jornalística, isto é, das notícias veiculadas da imprensa nanica, era baseada em informações da grande imprensa, periódicos da elite dominante. Era através dessa dependência de informação que os jornais alternativos podiam corrigir, desmistificar e contrapor às idéias, versões, análises e fatos dos jornais oficiais.

3. 1 Fontes divergentes: eles falam o que pensam

Além de seu posicionamento crítico e contestador em relação à imprensa oficial, destacam-se, também, as fontes alternativas dos jornais nanicos. Em linhas gerais, são fontes desvinculadas do Estado. Essa, aliás, é outra importante característica da imprensa alternativa, uma vez que toda a sua pauta é baseada em um ângulo de informação e interpretação dissidente de outros periódicos, eventualmente portadores da voz oficial do governo, que utilizam fontes institucionais para informar.

É através das fontes, ilustra Lage, que se constróem as notícias a partir de um determinado foco de angulação. Segundo o autor, há vários tipos de fontes: as oficiais, mais credíveis⁷ e acionadas, uma vez que representam as instâncias do poder público; as oficiosas,

⁷ Mesmo sendo as mais confiáveis, adverte Lage, as fontes oficiais também falseiam a realidade em casos quando há necessidade de se preservar interesses estratégicos e políticos para beneficiar grupos hegemônicos (LAGE, 2004). Os Estados Unidos, ilustra o autor, mentem muito quando estão em jogo os interesses imperiais de seu país (CHOMSKY in LAGE, 2004: 64).

que mesmo estando vinculadas a uma entidade ou indivíduo, não estão autorizadas a falar em nome delas; e as independentes, completa o autor, “são aquelas que estão desvinculadas de um relação de poder ou interesse específico” (LAGE, p. 63, 2004).

Essa última - a independente - é bem típica da imprensa alternativa, pois boa parte dessas fontes era considerada dissidente, ou seja, portadora de um discurso dissonante ao governo da época. Ao buscar essas fontes, os jornais de oposição conseguiam contrapor à versão oficial da imprensa tradicional, apesar que nem sempre essas fontes são confiáveis, assegura Lage.

Ao falar sobre as escolhas das fontes, segundo Amaral, autora que retrata os vários tipos de fontes existentes nos meios de comunicação de massa, não importa se os temas novos são agendados, pois a fonte sempre será a mesma. A explicação, segundo a autora, se particulariza no conceito de credibilidade e representatividade da fonte. O pensamento é que as fontes oficiais ocupam posições de autoridade, sendo responsáveis pelas instituições que a representam (AMARAL, 2000).

É nesse cenário, completa Amaral, que se percebe a escolha de fontes eleitas pelos jornalistas, descartando a pluralidade de vozes e do espaço democrático para privilegiar o tom oficial (AMARAL, 2000). Parafrazeando o sociólogo francês Foucault, “o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” (FOUCAULT apud AMARAL, 2000: 31).

Além da importância das fontes na construção das notícias, destaca-se, também, o perfil dessas para as grandes entrevistas, “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo” (LAGE, p. 73, 2004). A entrevista, em si, conceitua Lage, “é uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos fatos” (LAGE, p. 73, 2004).

Para o autor, há vários tipos de entrevistas com objetivos distintos e específicos. Por exemplo, a entrevista temática, como mesmo conceitua Lage, aborda um tema sobre o qual o entrevistador tem grande conhecimento e autoridade no assunto. Normalmente, ajuda na compreensão de um assunto a partir de seu ponto de vista. Uma outra classificação é a entrevista em profundidade, cujo objetivo em si não é o tema, mas o entrevistado, que com sua visão de mundo e experiência, fala sobre um determinado assunto. Além dessas classificações, existem outras, embora as duas citadas aproximam-se mais do jornalismo alternativo pelas características apontadas do entrevistador. Geralmente, uma compreensão mais abrangente de um tema, o senso crítico, a análise e as experiências dessas fontes que contrapõem à imprensa oficial, encontram-se mais nos jornais *undergrounds*.

3. 1 Notícias de jornal

Ao falar da pauta (fonte, entrevista e angulação), papel determinante no planejamento da edição dos noticiários, faz-se necessário, também, conceituar o que é notícia, uma vez que todos esses elementos citados acima fazem parte de sua construção. Para Lage, notícia é a cobertura de fatos, que expõe os principais momentos, seguindo um interesse ou uma importância decrescente (LAGE, 2000). A notícia, define o autor, é o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2000, p. 16).

Paralelo ao mesmo raciocínio, Medina define notícia “como um interesse noticioso”, ou seja, só é notícia quando há interesse por parte das pessoas sobre algum acontecimento (MEDINA, 1988.p 21). A informação, completa a autora, “é um conjunto de formas, condições e atuações para fazer públicos os elementos do saber, de fatos e acontecimentos” (MEDINA, 1988. p. 22).

Nesse sentido, a notícia em si não permite o conhecimento essencial das coisas, mas apenas a aparência do mundo devido a uma limitação de códigos e conteúdos a serem comunicados. Mesmo assim, adverte Lage, ela pode comover, motivar, revoltar, conformar, agredir ou gratificar os consumidores.

Portanto, a notícia não relata em si um acontecimento, conforme explica o teórico português Traquina, mas um conjunto de categorias socialmente construídas, bem como a seleção de fatos. Os acontecimentos, enquanto notícias, “são elaborados através de uma variedade de explicações, imagens e discursos que articulam o que o público supõe pensar e saber da sociedade” (TRAQUINA,1999, p 227).

Ao conceituar a notícia, Lage busca analisar suas fases de produção, divididas em três partes. A primeira, para o autor, caracteriza-se pela seleção dos eventos que serão trabalhados. É nessa parte que se define a construção dos elementos da notícia. A segunda, por sua vez, refere-se à ordenação dos eventos, partindo do principal fato para o menos importante. E, por fim, a terceira, que trabalha com a nomeação das coisas atribuídas.

A construção da notícia, conclui Traquina, é baseada em critérios de noticiabilidade, como imprevisibilidade e ineditismo. São esses critérios que constroem a realidade de um acontecimento. Isto é, “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA,1999. p,169).

Por definição, segundo Medina, os critérios de noticiabilidade que se encontram na informação jornalística são: “periodicidade, universalidade, atualidade e difusão” (MEDINA, 1988. p. 22). É a partir desses critérios que boa parte dos jornais, revistas e informativos, enfim, constrói suas notícias, ilustra a autora.

3. 2 Parcialidade na notícia

Porém, esses critérios, observa Medina, não se encontram em estado de perfeccionismo, estando sujeito a interferências externas, como os fatores econômicos e psíquicos (MEDINA, 1988). Em outras palavras, estamos falando da parcialidade da notícia, baseada nos posicionamentos políticos, ideológicos e, sobretudo, mercadológicos dos homens.

Para Traquina, a parcialidade da notícia está no próprio desequilíbrio da informação e na seletividade de um assunto. Para o autor, a parcialidade caracteriza-se por uma argumentação explícita a um ponto de vista em detrimento ao outro.

No âmbito da política, ilustra o autor, a parcialidade é mais percebida nas tendências, isto é, nas preferências que algumas empresas de comunicação adotam por um partido político ou uma personalidade, embora que o fator econômico seja sempre determinante em qualquer condição. Esse comportamento da imprensa, explica Medina, deve-se pela própria estrutura dos veículos de comunicação, enfocados como empresas que visam o lucro (MEDINA, 1988).

Para Silva, autor que estudou a relação entre a comunicação e o mercado capitalista, há uma série de implicações, principalmente na orientação da notícia, que determinam o formato da matéria. Atualmente, segundo o autor, os valores de mercados são os critérios de noticiabilidade (SILVA, 2000).

Outro ponto importante ao retratar a notícia, destaca Lage, é a conceituação de verdade que se refere àquilo que realmente aconteceu, não pelo conteúdo ético, moral ou político (LAGE, 2000). Para Amaral, jornalista e autor de vários livros na área de comunicação, é mais interessante falar em objetividade⁸, uma vez que o jornalismo

⁸ Cunhada nos anos 30 do século passado, a palavra objetividade remonta ao século XIX, mais precisamente às agências de notícias da época. Criadas com objetivo de vender informações por atacado para vários segmentos da população (governos, banqueiros, diplomatas), elas ofereciam notícias uniformes, objetivos e imparciais, sendo capazes de atender todas às necessidades específicas de seus clientes.

reinterpreta a realidade a partir de um determinado ceticismo dos fatos e de seus personagens. O termo objetivo, para o autor, que remete ao conceito de verdade, é um dos grandes mitos do mundo contemporâneo, especialmente para a imprensa.

Ao falar sobre características e funções, Medina destaca, também, que a notícia é “produto típico das sociedades urbanizadas e industrializadas, sendo reproduzida em grandes escalas” (MEDINA, 1988, p. 40). Para a autora, a empresa jornalística passa a ter um caráter mercadológico, estruturando-se com objetivo de faturar. Um exemplo é a própria localização dos principais jornais do País em regiões dos grandes centros urbanos.

3. 3 Critérios de noticiabilidade

Se por um lado a notícia, como já destacado pelos autores, baseia-se em critérios econômicos, há outros, cita Medina, como “atualidade, interesse, por parte do público, veracidade e clareza”, que determinam a notícia (MEDINA, 1988, p. 19). Na verdade, esses critérios são baseados em quatro elementos: atualidade, interesse do público, acontecimento e comunicabilidade (MEDINA, 1988).

Em sua maioria, esses critérios são construídos a partir de interesses públicos, embora haja algumas distorções nesse conceito, uma vez que determinados temas, “emoções, interesse local, dinheiro, superação e importância social” sejam mais constantes em veículos de forte apelo popular (MEDINA, 1988, p. 21).

Do outro lado da página, os critérios ligados ao interesse público eram os que mais determinavam as matérias da imprensa alternativa. Denúncias de violação contra os direitos humanos, crítica ao modelo econômico e às arbitrariedades do regime militar, ilustra Abramo, diferenciavam os jornais alternativos dos oficiais.

3. 4 Níveis da notícia

Ao determinar a angulação da pauta, para Medina, a matéria passa ser orientada por critérios - conceituados pela autora - de níveis massa, grupal e pessoal (MEDINA, 1988). Esses níveis - determinados, respectivamente, por interesses econômicos, políticos e pessoais - são usados de acordo com a orientação das empresas jornalísticas, conclui a autora.

Um exemplo é o nível pessoal, como mesmo ilustra Medina, encontrada nas matérias publicadas pelo *O Estadão* que, na maioria das vezes, retrata de forma negativa os conflitos árabes/judeus, assim como a *Veja* que procura desqualificar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Artigos, editoriais e cadernos de opinião de jornais, que procuram retratar, refletir e abranger temas de interesse público, são outros exemplos desse nível pessoal.

Preocupada em informar e discutir temas não debatidos pela grande imprensa na época – ditadura militar - pode-se dizer que foi esse nível (pessoal) que determinou a angulação das matérias que se encontravam nos jornais alternativos. Boa parte desses jornais atuava por conta própria, mas por uma causa própria: o direito de contestar, de dizer não às atrocidades, à arbitrariedade imposta pelo regime militar de 1964. *Movimento*, *Pif-Paf*⁹, *O Pasquim*, entre tantos, ilustram essa escolha.

Porém, o mais evidente, cita Medina, é o nível massa, muito encontrado em notícias de forte apelo popular e consumista. Notícias de grandes olímpianos e biografias pitorescas são encontrados, em boa parte, em veículos de comunicação identificados com a Indústria Cultural. O maior exemplo, cita a autora, é a revista *Veja*, que prefere as notícias pitorescas.

⁹ Recentemente, a editora Argumento lançou um fascículo, contendo todas as edições do periódico *Pif Paf*. Após quarenta anos, *Pif Paf* ressurgiu para contar um pouco do belo capítulo do jornalismo brasileiro nos anos da ditadura. Com equipe de primeira linha – Millôr, Fortuna, Ziraldo, Jaguar, entre outros - a revista, referência da imprensa alternativa brasileira, criticava com humor e deboche, o regime militar brasileiro.

Outro ponto importante deste nível massa, que determina o tipo de notícia veiculada nas grandes periódicos, é a diagramação dos jornais. A valorização de certos cortes e ângulos de imagens fotográficos e apelos lingüísticos, acentuam essa influência. A chamada das matérias, ilustra a autora, é um ótimo exemplo, uma vez que se utilizam textos apelativos e chamativos.

Apesar de também valorizar muita a imagem, como no caso de *O Pasquim*, e boa parte dos jornais humorísticos da imprensa alternativa que debochavam e ridicularizavam o governo militar, esses periódicos destacavam-se pela angulação de imagens, fotografias e, sobretudo, pelo jeito diferente de escrever. À época, *O Pasquim* inaugurou uma nova linguagem, com textos bastante diferentes dos jornais tradicionais muito amarrados ao *lead*. Pode-se dizer que a imprensa alternativa nasceu com os jornais humorísticos que, cerceados do direito de falar, debochar, criticar e contestar, faziam do jornalismo um meio para resistir às condições da época (KUCINSKI, 1992).

3. 5 Pilares do jornalismo de oposição

Baseado em duas vertentes: o direito à informação e a liberdade de informar, os jornais de oposição encaravam a informação como um compromisso de responsabilidade social, ao contrário dos grandes jornais, que adotavam uma postura individual, muitas vezes a autocensura.

Particularmente, esses dois pilares (direito e liberdade de informar) foram uma das principais característica da imprensa alternativa, uma vez que ela lutava pela liberdade de expressão, o direito à opinião, à diversidade, ao pensamento e, sobretudo, a favor à democracia. A imprensa nanica, lembra Abramo, foi o principal símbolo de resistência contra a Ditadura Militar, sendo a única que fazia perguntas, apontava questionamentos e criticava o

modelo econômico. Ao contrário da grande imprensa que, de acordo com Medina, volta-se mais para o jornalismo opinativo/distração, como forma de acontecimento imediato (MEDINA, 1988).

Atualmente, para a autora, a imprensa trabalha nessa dupla função de informar sobre o aspecto sonho/realidade, enfatizando, nos noticiários, o mundo dos olímpicos, as novidades da sociedade, o mundo das emoções e serviços de lazer para o grande público. A razão desse comportamento, destaca Medina, é que a notícia é constituída por uma forte estratégia publicitária, sendo tratada como um produto, um *marketing*.

Para Silva, o jornalismo foi mais longe: adaptou-se a uma ideologia de mercado, no qual “o simples, o curto, o fácil, o leve, o bonito e o espetacular venceram” (SILVA, 2000, p.13). É a miséria do jornalismo, descreve o autor, que agora valoriza o superficial e, ao mesmo tempo, despreza o pensamento e o conhecimento para se transformar em mercadoria, isto é, em uma notícia espetacular e sensacional. Foi se o tempo, conclui Silva, que o jornalista, principalmente o esquerdista, baseava-se na objetividade, imparcialidade e no compromisso com a verdade para o exercício da profissão.

Diferente desse quadro sensacionalista e superficial, eram nas matérias veiculadas que a imprensa alternativa se diferenciava das demais. Sua análise interpretativa aliada a uma abordagem crítica fazia desses jornais uma contraleitura aos periódicos oficiais. Portanto, como observou Medina na angulação da notícia, foi o critério - nível pessoal - a principal característica desses jornais de oposição, considerados uma das principais vozes da época.

Além desses níveis na construção das notícias, os editores, observa Medina, são determinantes também na formação das mensagens jornalísticas. A função do editor, analisa a autora, é determinar os assuntos a serem cobertos e coordenados pela equipe de repórteres. A viabilidade de uma matéria, bem como sua angulação, seleção de notícias, fotos e diagramação são tarefas realizadas pelo editor. “O editor está em perfeita sintonia com a

angulação da empresa, com a angulação-massa, ou seja, age como elemento regulador da oferta e da demanda” (MEDINA, 1988, p.79). Em síntese, “os editores são elementos essenciais da estrutura da mensagem” (MEDINA, 1988, p. 84).

Para Silva, que também cita o papel influente do editor na notícia, este profissional é o primeiro censor que determina o que é ou não notícia. Na verdade, conclui o autor, o editor transforma a notícia em mercadoria e faz de tudo para vendê-la. Além da abordagem da notícia determinada pelo editor, a construção das mensagens jornalísticas depende, também, da captação de dados, realizados pelas agências de notícias (internacional) e pelo repórter. Este último utiliza recursos, ou melhor, fórmulas de consumo para obter aceitação e êxito na veiculação da matéria. A notícia, conclui Medina, caracteriza-se, cada vez mais, como um produto de consumo da indústria cultural. (MEDINA, 1988)

Aliás, o próprio formato das matérias, cita Medina, com apelos verbais, bem como o uso de títulos emocionais, verbais e a construção dos *leads* acentuam a característica de mensagem-consumo, que se utiliza artifícios emocionais, visuais, lúdicos e lingüísticos para chamar atenção e ter visibilidade.

A própria estrutura da matéria, finaliza a autora, escrita de forma simples, concisa e objetiva atende, na verdade, aos padrões da Indústria Cultural (MEDINA, 1988). Portanto, todos os componentes das mensagens jornalísticas – título, *lead*, subtítulo e legenda – revelam padrões de consumo adaptados à cultura de massa. É uma lógica perversa no qual o jornalismo revela, em alguns momentos, um repúdio à reflexão, ao intelectualismo e a sua função educativa para se transformar em um jornalismo baseado no sensacionalismo e no popularesco.

Diferentemente desse cenário, a imprensa alternativa valorizava o pensamento ao invés da superficialidade, a crítica ao lugar sensacionalismo e a militância em detrimento à individualidade. Um maior exemplo, cita Kucinski, eram as matérias que denunciavam o falso

crescimento do “modelo econômico”, tão propalado pela grande imprensa, mas que na verdade apenas beneficiava uma pequena parcela da população brasileira. Eram matérias investigativas, a exemplo do jornal “Repórter” que, como o próprio nome indicava, procurava resgatar o lado questionador da reportagem, perdida pela grande imprensa oficial nos anos da ditadura.

O jornalismo alternativo foi, como descreveu Chinem, a imprensa sem aspas, justamente pelo seu engajamento e comprometimento com a realidade, ao contrário da conveniência e autocensura dos jornais oficiais, que se baseava, conclui Kucinski, na exclusão da informação, um comportamento bem oposto do que propunha a imprensa alternativa: combater a ditadura a partir da pluralidade da informação e, acima de tudo, da coragem de dizer não.

4 Metodologia

Foram analisadas quatro edições da revista *Caros Amigos*, no período entre abril a julho de 2005. Os periódicos foram escolhidos por amostragem, pelo seu constante perfil editorial, a ser descrito no item 4.1. Também foi analisada a edição especial de setembro deste ano, que aborda os atuais escândalos de corrupção no país, envolvendo importantes personalidades políticas ligadas ao governo petista. Por se tratar de um tema em voga, muito propalado pelos meios de comunicação, a revista procura aferir a atual crise política, a partir de um resgate histórico dos principais episódios de corrupção no Brasil.

A partir desse material, foi feito um levantamento qualitativo do trabalho com o objetivo de responder à pergunta central da pesquisa: como se constrói a cobertura nacional política da revista *Caros Amigos*? Para responder à questão, foram analisados aspectos relevantes do periódico, como a angulação, a fonte e a pauta, elementos determinantes na construção da notícia.

Para os estudos sobre a pauta, foi pesquisado as análises de Nilson Lage, teórico da comunicação, que estuda o objetivo e a construção da pauta, além de abordar os vários tipos fontes existentes e suas finalidades nos meios jornalísticos.

Já para os estudos sobre angulação foram analisados os trabalhos de Cremilda Medina, que falam sobre os critérios e níveis de noticiabilidade, chamados de níveis grupal, massa e pessoal, determinantes na produção da notícia, assim como na angulação da matéria pretendida.

Para encerrar o quadro de análises, foram importantes os estudos de Abramo que, além de abordar a questão da angulação, característica dos jornais alternativos, analisa, de forma em geral, as pautas e as fontes das matérias desses periódicos caracterizados “imprensa

alternativa”. Kucinski, que discorre sobre a atuação desses jornais, bem como seus objetivos, particularidades, principais periódicos e personalidades de destaque foi analisado, assim como Chinem, autor que retrata os principais jornais alternativos da época.

4. 1 Contexto histórico da revista *Caros Amigos*

A *Caros Amigos*, periódico mensal, foi lançada em abril de 1997 pela editora Casa Amarela. Surgida em um contexto de forte ideologia neoliberal - governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso - a revista nasceu com o objetivo de:

Manter os olhos bem abertos. Informar com apuração, com veracidade. É como cita o livro Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil, “um projeto de jornalistas que assumem seus objetivos políticos e oferecem alternativas a grupos segregados pela grande imprensa” (DOMENIC, 2005).

Neste ano, o periódico comemora seu oitavo aniversário, totalizando uma tiragem mensal, em média, de 50 mil exemplares (20 mil são comprados em bancas de jornais), segundo o *site* da própria revista. Publicada na segunda semana do mês, tem sempre, em cada edição, uma entrevista “explosiva”, como mesmo conceitua a revista, com personalidades de destaque seja no campo econômico, político, religioso, artístico, esportivo e filosófico. Normalmente, são personalidades que não têm destaque nos grandes veículos de comunicação. Outro ponto forte da revista são os colaboradores: Ana Miranda, José Arbex Jr., Frei Betto, Emir Sader, Guilherme Scalzilli, Carlos Castelo Branco, Leo Gilson Ribeiro, Mylton Severiano, Guto Lacaz, Adão Iturrusgarai, Jorge Arbach, Georges Bourdoukan, Gilberto Felisberto Vasconcellos e Ferréz formam uma equipe de primeira linha de colunistas. Grande parte desses colaboradores é destaque na cena intelectual brasileira, como Frei Betto e

Emir Sader, por exemplo. Reportagens, um ensaio fotográfico e a opinião dos leitores completam a receita editorial.

Vale lembrar que a revista é composta, em grande parte, por ex-integrantes da revista *Realidade* (maior símbolo do jornalismo alternativo, observa Kucinski, mesmo sendo pertencente ao grupo Abril, empresa multinacional do ramo da comunicação).

Contra a corrente, ou melhor, *Contra a Maré*, slogan da *Caros Amigos*, o periódico apresenta uma proposta alternativa de informação, com qualidade e senso crítico identificada com seu público, composto por 70% de homens das classes A e B, da faixa etária entre 24 a 49 anos, com 91% tendo o curso superior completo e 19% pós-graduados, segundo a última pesquisa quantitativa feita em agosto de 2001 pela própria revista.

Além da circulação mensal, a revista, ainda, publica fascículos, como a série *Rebeldes Brasileiros*, em dois volumes, com 24 edições especiais. Este ano, até o momento, foram produzidas três edições especiais, uma sobre Tom Jobim, outra sobre corrupção e a última sobre a direita brasileira.

Bem diferente das tradicionais revistas, a começar pela diagramação, a *Caros Amigos* apresenta-se em um formato tipo tablóide, formatação dos jornais ingleses. Na verdade, esse formato remete ao conceito dos jornais alternativos, chamados de nanicos devido ao tamanho pequeno. Com pouca publicidade, exceto de alguns patrocinadores, a revista normalmente dá espaço à publicidade de prefeituras petistas e ou governos de trajetória esquerdista. Quanto às ilustrações, a *Caros* privilegia desenhos artísticos e ensaios fotográficos, como as fotos obscenas, que mostram tradicionais políticos brasileiros ostentando seus cargos. Há, ainda, uma parte da revista dedicada aos trabalhos de fotojornalismo. Normalmente, são cenas de guerras, soldados empunhando armas e crianças brincando ao meio de destroços deixados pelos conflitos. Em geral, privilegiam-se cenas que não são mostradas nos noticiários tradicionais. Completam a editoração da revista as

entrevistas, normalmente com pessoas de destaque, mas sem presença nos meios de comunicação, e os ensaios de importantes autores, respeitados no cenário intelectual.

Outro grande destaque são os textos. Boa parte das matérias produzidas são extensas, sempre apresentando uma abordagem crítica, analítica e reflexiva de fatos e acontecimentos que marcaram o cenário nacional e mundial. A *Caros Amigos* destaca-se por ser aquilo que Abramo dizia dos jornais alternativos, um contraponto da grande imprensa ao propor uma outra abordagem de leitura e interpretação do Brasil e do mundo.

Na última capa há os desenhos que debocham e chamam atenção dos problemas nacionais. É sempre assinado pelo Claudius, importante chargista da turma do jornal alternativo *Pif Paf*.

4. 2 Análise qualitativa

“Caros Amigos: a revista para quem gosta de ler”. Com esta chamada, o periódico mensal anuncia seu grande objetivo: propor uma alternativa de leitura frente aos tradicionais meios de comunicação, em especial às revistas semanais. Em formato de ensaios, artigos e entrevistas, os textos apresentados na *Caros Amigos* se diferenciam de outros gêneros similares. Boa parte dessa diferenciação está identificada com a pauta elaborada pela revista, que apresenta assuntos com outro ângulo de abordagem. Essa angulação está identificada sobretudo nas “entrevistas explosivas”, que sempre abordam temas polêmicos, normalmente não veiculados nos meios de comunicação em geral, como as atividades sociais dos trabalhadores do MST, as formas questionáveis das privatizações de empresas estatais, os escândalos de corrupção envolvendo importantes personalidades políticas do PFL e PSDB, assim como nos artigos escritos pelos colaboradores, Frei Betto, Emir Sader e Myton

Severiano, importantes intelectuais de esquerda que, na maioria das vezes, não ganham espaços nos principais periódicos semanais.

Em abril deste ano, por exemplo, a entrevista exclusiva foi com a ex-prefeita petista Marta Suplicy. No começo, pode-se julgar que não há nada diferente devido ao formato tradicional, com perguntas rotineiras, como, por exemplo: “Marta, a gente sempre começa perguntando sobre a infância do entrevistado. Onde nasceu...?” (*Caros Amigos*, p. 26, abril de 2005). No entanto, percebe-se uma entrevista pautada em “assuntos explosivos”, vale dizer, fora do circuito nacional, com denúncias e críticas ao maior partido de oposição, o PSDB, embora se perceba uma ausência de críticas a sua gestão, a qual a entrevista apenas direcionou à criticar o PSDB. A pergunta a seguir, feita por Marina Amaral, a petista é um exemplo: “E você conseguiu descobrir furos na blindagem do Alckimin?”:

*O Alckmin é uma pessoa querida, tem um jeito de bonzinho que agrada às pessoas e tem toda uma conivência, não sei se é a palavra, uma blindagem na imprensa de dez anos de um governo sem críticas. Agora deu essa brecha na Febem, mas há muito mais. O Rodoanel foi feito há tão pouco tempo e já está sendo recapeado. O metrô de São Paulo foi iniciado junto com o da Cidade do México, nos anos 70, e o do México tem 200 quilômetros e o de São Paulo 57. Na gestão do Alckimin, do PSDB, foram feitos só 7 quilômetros! Não teve nenhuma prioridade para o transporte de massa e ninguém questiona. E, a partir desses dez anos de PSDB no Estado de São Paulo, que serão doze quando terminar o mandato, será possível fazer uma análise bem redonda do que foi feito - claro que muita coisa deve ter avançado – e dos grandes fracassos (*Caros Amigos*, p.29, março de 2005).*

Esse formato da entrevista e, de forma em geral, dos textos apresentados deve-se à pauta que, como bem observou Lage, seleciona informações, a partir de enfoques e abordagens que definem sua linha editorial, identificando, em seus textos, seu posicionamento político e ideológico de esquerda.

Outro bom exemplo destacado é a edição especial de setembro deste ano. Nela, a revista pautou assuntos relacionados à crise política, no caso, o suposto mensalão, repasse de

verba do governo federal para partidos da base aliada. Apesar de ser um tema bastante propalado pelos principais veículos de informação - *Veja, Isto é, Folha de S. Paulo e Estadão* - a revista teve um posicionamento diferente das demais, ao procurar aferir a atual crise política, a partir de um resgate histórico dos principais casos de corrupção, como bem destacado neste trecho da matéria:

Privatização, sonegação, títulos da dívida pública interna. Eis o tripé responsável pela maior sangria do dinheiro público do Brasil, grande parte dela desenvolvida sob a égide do tucanato. Estima-se que 1 trilhão de reais transferiu-se do setor público para o privado nas privatizações. Na sonegação e evasão fiscal são 300 bilhões de reais por ano, dos quais 100 bilhões em débitos com a Previdência. O ex-secretário da Receita Federal Everado Maciel declarou à CPI dos Bancos, em 1999: “Metade das 530 maiores empresas do Brasil não pagavam impostos de renda(...); e, das 66 maiores instituições financeiras, 42 por cento não recolhiam um centavo”. No campo, estima-se que os 2.500 maiores latifúndios pagam 300 milhões de reais de impostos quando deviam pagar 8 bilhões. Os escândalos se acumulam ao longo da história recente de país, quase todos relegados ao esquecimento e à impunidade. Vamos lembrar, resumidamente, os de maior repercussão. Acompanhe alguns outros casos, rumorosos, quando vieram à tona, mas que caíram na vala do esquecimento e da impunidade (Caros Amigos, p.28, setembro de 2005, edição especial).

Neste caso, percebe-se claramente que a *Caros Amigos* optou por uma contextualização sobre o tema, não fragmentando o assunto ou ocultando algum fato jornalístico. Segundo Lage, isso se deve pelo objetivo proposto pela pauta ao distribuir recortes sobre um mesmo assunto (LAGE, 2004). Para Abramo, a omissão de informações, típica de alguns jornais e revistas, “induz” a apresentar um outro tipo de realidade e interpretação, conforme os interesses da imprensa (Abramo, 2005).

Criada com o objetivo de orientar a produção da informação, como qualquer outra, a pauta da *Caros Amigos* deu destaque a personalidades e a temas excludentes, ou seja, não abordados pelos meios de comunicação, como a entrevista de julho concedida pelo governador peemedebista do Paraná, Roberto Requião, da ala radical do partido, a qual não

tem muito destaque nos principais jornais do País e no núcleo do PMDB. Na pauta da entrevista, perguntas sobre a invasão de multinacionais no País, que controlam setores estratégicos, como estradas e energia. Denúncias de corrupção, acusações e análises do mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso deram corpo à entrevista, como a pergunta polêmica feita pelo repórter Palmério Dória: “Governador, em escala de roubo, onde se roubou mais, no governo Fernando Henrique ou agora no governo Lula?” No mesmo tom, a resposta de Requião: “A gente não precisa nem de um roubômetro para avaliar isso. O Fernando Henrique, com a privatária, roubou 10.000 vezes mais do que qualquer possibilidade de desvio do governo Lula” (*Caros Amigos*, p.35.maio de 2005).

Além desse tom polêmico, em todos os periódicos analisados, percebe-se na revista um posicionamento crítico e questionador sobre alguns assuntos abordados em seus artigos e ensaios. Um exemplo é a matéria publicada em maio deste ano pelo repórter João de Barros, que abordou o crescimento e a ascensão da Igreja Universal, como a compra, no mínimo questionável, da rede Record de Televisão. A seguir, um trecho da extensa matéria, quatro páginas dedicadas ao assunto pela *Caros Amigos*:

*A fortuna da Universal é incalculável. Seu patrimônio visível foi construído por meio de métodos tortuosos e obscuros. A Rede Record, por exemplo, foi adquirida por seis fiéis da igreja – Alba Maria Silva da Costa, Claudemir Mendonça de Andrade, José Fernando Passos Costa, José Antônio Alves Xavier, Márcio de Araújo Lima e João Monteiro de Castro dos Santos. Eles assumiram pagar 11,7 milhões de dólares em quinze prestações. Juntos, não teriam dinheiro para honrar nem sequer uma das parcelas. Por isso, para justificar a origem do dinheiro, simulou-se um empréstimo externo em nome dos “compradores”, feito por duas empresas com sede em paraísos fiscais, a Investholding, das Ilhas Cayman, e a Cableinvest, da ilha Jersey. Tal contrato, autenticado em Jersey, permitiria à igreja entrar com ação de cobrança no Brasil, caso os seis laranjas tivessem a audácia de tomar posse da rede, que hoje possui 67 retransmissores, próprias ou afiliadas (*Caros Amigos*, p.27, maio de 2005).*

Ao focar este tema, o periódico ainda abordou outros assuntos polêmicos, como as sessões de descarrego, momento da suposta expulsão do demônio, a obrigação dos dízimos para a salvação divina dos fiéis e confissões de um ex-pastor, expulso por contrair o vírus HIV após relacionamento homossexual com colega de profissão. A reportagem objetivava mostrar o que há por trás da fé, a partir de vários recortes feitos sobre o mesmo tema.

Em um primeiro momento, poder-se-ia julgar uma matéria comum, bem típica de outros veículos, como já feita repetidas vezes pela *Folha de S. Paulo* ou pela Rede Globo de Televisão em especial, que não vê com bons olhos o crescimento da audiência de sua concorrente, Rede Record, e, muito menos, das religiões protestantes. Contudo, ao contrário de um posicionamento abertamente desfavorável ao protestantismo, adotado pelos principais meios de comunicação, a *Caros Amigos* procurou abordar vários assuntos sobre a Igreja sem um pré-julgamento religioso. Faltou apenas abordar a responsabilidade do governo federal, incumbido de fiscalizar esses estabelecimentos.

Como no enunciado da matéria, o repórter freqüentou durante três semanas um templo da igreja para melhor apurar, investigar e analisar o funcionamento da Universal. Ou seja, com fundamentação e responsabilidade na divulgação dos dados.

4.2.1 Colunistas

Ao analisar a revista no período recortado, boa parte dos ensaios estudados contrapunha informações dos tradicionais periódicos semanais. A razão, já comentada anteriormente, deve-se à pauta da revista, que constrói o tipo de abordagem analisada. Mas o principal da revista são os colaboradores e editores da *Caros* que acentuam esse perfil ao apresentarem um discurso divergente sobre a realidade nacional e internacional. Entre os

nomes, vale destacar três. José Arbex, jornalista que apresenta textos com forte crítica aos membros do PSDB e PFL; João Pedro Stedile, dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que critica a morosidade do governo federal em relação à concessão de terras ao movimento e à conjuntura socioeconômica que entrava os avanços dos sem-terra. E, por último, os textos analíticos e críticos do jornalista João de Barros sobre corrupção, destacando os financiamentos do banco Rural ao empresário mineiro Marcos Valério. Os artigos sobre as atuações desse banco, em setembro último, na edição especial, destacam o posicionamento crítico, questionador e divergente da revista em relação a outros veículos de comunicação, ao propor debater um tema com profundidade, consistência e contextualização dos fatos. Não simplesmente optando pelo denunciamento, sem provas cabíveis, prática de algumas revistas semanais.

Não por acaso, a exemplo de outros colaboradores da *Caros Amigos*, esses nomes citados anteriormente não têm espaço nos principais veículos de comunicação. Ao contrário de outras fontes que sempre aparecem na televisão, nos jornais e revistas, a *Caros* busca personalidades fora da lista da agenda dos meios de informação. Uma observação simples, mas importante nos leva a uma pergunta: Por que, por exemplo, João Pedro Stedile não tem espaço na *Veja* quando é citado o MST? A razão pode ser a mesma que um Jorge Bornhausen que talvez jamais sairia na *Caros Amigos*.

De forma geral, os textos analisados da edição de setembro apresentam um tom mais agressivo, com análises investigativas nas matérias e ensaios. Para Lage, isso ocorre exclusivamente em revistas de periodicidade maior, no caso, quinzenais e mensais, por haver mais de uma reunião de pauta (LAGE, 2004). Alguns fatores - agressividade, atualidade ou assuntos exclusivos - típicos de alguns editores acentuam essas características, conclui o autor (LAGE, 2004).

Na edição de setembro, por exemplo, que é dedicada exclusivamente à corrupção, destaca-se a matéria escrita por uma equipe de seis jornalistas, entre eles, João de Barros e Thiago Domenic, que retrata os principais casos de corrupção desde a redemocratização no Brasil. Entre os notórios episódios citados na revista, Proer, Sivam, Banestado, escândalo dos Precatórios, chama a atenção a compra de votos para a emenda da reeleição do ex-presidente FHC em 1997, por envolver diretamente o presidente da República.

A seguir, um trecho da matéria, a qual a *Caros Amigos* deixa bem claro que, ao aprofundar sobre o tema proposto, procura mostrar que a corrupção não é mérito do PT, mas dos políticos, ao contrário do que propõem alguns periódicos:

Maio de 1997. É revelada uma conversa gravada entre os deputados acreanos Ronivom Santiago e João Maia, ambos do PFL, em que confessam ter recebido 200.000 reais de propina para votar a favor da emenda constitucional que autoriza presidente, governadores e prefeitos a concorrer à reeleição. Na fita, Ronivom apontava outros três parlamentares que embolsaram o dinheiro em troca dos votos – Osmir Lima (PFL), Chicão Brígido (PMDB) e Zila Bezerra (PFL), todos da Região Norte. Intermediavam a negociação o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL), e o deputado do Pauderney Avelino (PPR, atual PP), a mando do então ministro das Comunicações, Sérgio Motta, principal articulador político do presidente FHC. Quem pagava a fatura eram os governantes do Amazonas, Amozonino Mendes (PFL), e do Acre, Orleir Carneli. Hoje, Ronivom voltou à Câmara Federal, eleito pelo Acre, e faz parte da Executiva Nacional do PP. Chicão Brígido é o primeiro vice-presidente do diretório do PMDB no Acre, mora em Brasília e, a exemplo de Ronivom, responde a processos na Justiça Federal (CAROS AMIGOS, p. 30. Maio de 2005).

Na verdade, ao retratar esses casos de corrupção no Brasil, a revista buscou fazer um paralelo com a atual crise política, mostrando que não há nenhuma novidade no cenário político nacional quando o assunto é desvio de dinheiro, o que revela uma análise mais investigativa e preocupada da *Caros Amigos*, ao invés de apenas criticar ou ironizar o governo federal. Embora, houve uma ausência da revista em não criticar algumas personalidades

petistas, que tiveram participação direta no suposto mensalão, como Silvio Pereira e Delúbio Soares.

Além da influência da pauta que está na identificação com seus colaboradores, outras personalidades, bem como jornalistas, escritores, líderes de movimentos sociais e intelectuais esquerdistas dão todo o tom crítico e questionador da revista. Tudo isso graças à pauta, observa Lage, que determina “o ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria e sugestões de fontes etc” (LAGE, p. 34, 2004).

Ao analisar a pauta da *Caros Amigos* no período recortado, outro grande destaque da revista são as fontes escolhidas. Boa parte dessas fontes apresenta uma linha de pensamento divergente de pensamento sobre a realidade nacional e internacional, mesmo sendo algumas consideradas oficiais, ou seja, autoridades estatais. Por se tratar de uma revista de periodicidade mensal, a maioria dos textos apresentados é de artigos e ensaios. No caso, as “fontes alternativas”, isto é, dissidentes ao discurso empregado pelo outros veículos de comunicação, encontram-se nas entrevistas. Um exemplo de uma dessas “entrevistas explosivas” foi com Plínio de Arruda Sampaio, um dos mais importantes fundadores e militantes do PT, em maio deste ano. A fonte faz uma análise sobre os descaminhos, vale dizer, os desvios do Partido dos Trabalhadores para uma política identificada com a direita, além de falar um pouco sobre sua militância e paixão pelo socialismo. A seguir, um trecho da entrevista, no qual o militante Arruda procura não apenas criticar o PT, papel já bastante desempenhado pela oposição, mas externar qual o caminho político que o partido de Lula deve seguir:

É um governo alinhado com a política neoliberal e o partido precisa dizer isso a ele, ao Lula. O PT precisa retomar sua origem socialista, de ter um trajetória de arrigementação para o socialismo. O PT ainda tem um espaço de disputa política, onde você pode colocar essas idéias de que o Brasil não tem saída se não romper com o imperialismo, se não fizer uma reforma agrária de verdade, se não fizer uma política de distribuição efetiva, e não tem saída se não tiver um governo popular (Caros Amigos, p. 35, maio de 2005).

É nesta perspectiva de abrir espaços para outras fontes falarem que a *Caros Amigos* destaca sua linha de abordagem, ao proporcionar uma outra reeleitura dos principais assuntos em voga. Às vezes, em alguns casos, as fontes não são militantes ou ligadas de uma forma ou outra à esquerda. Mas todas têm grande destaque no assunto pautado. São as chamadas fontes temáticas, conforme conceitua Lage.

Mas, em linhas gerais, as fontes apresentadas na *Caros* podem ser consideradas divergentes, mesmo não sendo desvinculadas do Estado. Isso porque são personalidades ligadas à trajetória esquerdista do País, além de fazerem parte de partidos e alas políticas identificadas com a esquerda. No caso, por exemplo, de Marta Suplicy, entrevistada no mês de abril, ela é filiada ao PT, um dos principais partidos de esquerda; e Roberto Requião, atual governador do Paraná, entrevistado de julho, faz parte da ala dissidente do PMDB. Embora, vale destacar, a imagem da ex-prefeita petista de São Paulo esteja bem desgastada quanto à sua identificação com a esquerda.

Por outro lado, também, ao analisar as personalidades que ganham espaço na *Caros Amigos*, destacam-se as “fontes alternativas”, ou seja, aquelas que são excluídas dos meios de comunicação, principalmente dos periódicos semanais. Celso Furtado, conceituado economista brasileiro, na edição de 71 de fevereiro de 2003; Augusto Boal, dramaturgo e idealizador do Teatro dos Oprimidos na edição número 48, de março de 2001; e Marilena Chauí, filósofa respeitada no meio intelectual, na edição de 29 agosto de 1999, são alguns exemplos das fontes escolhidas pela *Caros*. Em novembro deste ano, a filósofa ganhou, novamente, um espaço na revista, após várias críticas da grande imprensa sobre seu silêncio diante das crises políticas que envolvem o PT.

Outras fontes já acentuam bem este traço divergente, como é o caso de Plínio de Arruda Sampaio, personalidade histórica do PT, e o *rapper* MV Bill, músico que fala sobre a

vida miserável dos moradores das favelas cariocas e, de modo geral, do Brasil. No caso, o *rapper*, que ganhou espaço no periódico, fala de um tema delicado, a violência crescente no País, mas como uma forma das pessoas excluídas, negros, pobres e bandidos, chamarem a atenção da nação sobre suas condições sociais. Um trecho a seguir mostra tal pensamento, inimaginável em revistas semanais de forte influência na classe média, como a *Veja*, que adotou um discurso totalmente contrário sobre o assunto debatido, como revelado em suas edições sobre o referendo popular, que discutia a proibição ou não do uso de armas de fogo e munição no Brasil:

“O jovem da favela só é visível com uma arma na mão. A sociedade não houve esse clamor por igualdade e por justiça, é inevitável que grupos mais ferozes se formem, grupos até mais armados. Porque aí é questão de legítima defesa, né? Os bandidos, por exemplo, precisam ser escutados pela sociedade”(*Caros Amigos*, p.35, junho de 2005).

Essa, aliás, é outra importante característica da imprensa alternativa, observa Abramo (2005). Toda a sua pauta é baseada em um ângulo de informação e interpretação dissidente a outros periódicos, eventualmente portadores da voz oficial do governo, que utilizam fontes institucionais e legitimadas historicamente para informar (Abramo, 2005). Na *Caros*, boa parte das fontes é independentes, isto é, “desvinculada de qualquer relação de poder ou interesse específico” (LAGE, p. 63, 2004). É através das fontes, completa o autor, que se constróem as notícias a partir de um determinado foco de angulação.

Ao abrir espaço para essas fontes, a *Caros Amigos* faz o que os antigos jornais alternativos faziam, segundo Abramo, contrapor-se à versão oficial da imprensa tradicional. A escolha das fontes, segundo Amaral (2005), outra autora que estuda esse parâmetro, está identificada com o pensamento político da revista. Só ganham notoriedade personalidades alinhadas ao discurso consoante de qualquer informativo, destaca Amaral., o que talvez

explique, como observou Amaral ao falar sobre o uso de fontes, a atitude da *Veja* e outros periódicos semanais.

Assim, no período analisado, ganharam notoriedade na revista dois políticos de esquerda, Marta Suplicy, ex-prefeita petista de São Paulo, e o governador do Paraná Roberto Requião, ala radical do PMDB. Plínio de Arruda, militante e um dos principais fundadores do PT, e MV Bill, *rapper* carioca engajado em projetos sociais. No geral, todas essas fontes citadas têm um ponto em comum: apresentam uma leitura dissidente da realidade brasileira.

Dessa maneira, percebe-se que o tipo de entrevista da *Caros Amigos* é a entrevista em profundidade, termo utilizado por Lage, cujo objetivo em si não é o tema, mas o entrevistado, que com sua visão de mundo e experiência, fala sobre um determinado assunto de modo mais aprofundado. Uma compreensão mais abrangente de um tema, o senso crítico, a análise e as experiências dessas fontes que se contrapõem à imprensa oficial, encontravam-se mais nos jornais *undergrounds*.

Ao determinar a pauta e a fonte, elementos determinantes na construção da notícia, a angulação das matérias completa o perfil divergente da *Caros Amigos*. Para Abramo, a “imprensa nanica” se consagrava “alternativa” justamente no ângulo de abordagem das matérias, nos informantes ouvidos em *off* e nas fontes.

Dessa maneira, o grande destaque na *Caros* é o ângulo de abordagem que a publicação prioriza nas “entrevistas explosivas”, nos ensaios e artigos escritos por intelectuais esquerdistas. A edição especial de setembro é um exemplo à parte. A revista procura abordar os recentes episódios de corrupção (mensalão), dando uma outra angulação aos textos apresentados. Os títulos, as fotos encontradas, as charges e, principalmente, os editoriais reforçaram esse perfil.

Nas ilustrações de novembro da *Caros*, por exemplo, a maioria fez referências ao dinheiro, especialmente o dólar, e à mídia, que não se cansa de propalar notícias sobre

corrupção. Na verdade, o periódico mensal fez uma crítica direta à grande imprensa que a todo o momento divulga novos escândalos de corrupção que, em alguns casos, são notícias e denúncias sem comprovação dos fatos. Mas o que se destaca são os desenhos irônicos, inteligentes e irreverentes de Claudius, antigo chargista da *Pif-Paf*, revista alternativa dos anos 70, encontrados na última página da *Caros Amigos*. Na edição de junho deste ano, a charge, assinada por Claudius, ironiza os partidos PSDB, PFL e, de forma indireta, o PT. No desenho, há um homem com um estilingue atirando uma pedra em direção ao Palácio do Planalto, sendo que no fundo existem duas casas de telhados de vidros, representadas pelas siglas PSDB-PFL. Diretamente, a mensagem fala que nenhum dos partidos podem se criticar, quando o assunto é corrupção.

No caso de denúncias, a *Caros Amigos* procura basear-se em documentos e registros oficiais, o que demonstra seriedade no que se refere à informação pública, ao contrário, por exemplo, da *Veja*, que insistentemente denunciou casos de corrupção no governo federal sem provas. Um bom exemplo da *Caros* é a matéria do jornalista João de Barros, na edição especial de setembro, que discorre sobre o envolvimento de Marcos Valério, empresário mineiro e suposto agenciador do mensalão, com o Rural, banco suspeito de ser o financiador do repasse de verbas para partidos da base aliada do governo federal:

No depoimento que prestou na CPMI do Mensalão, já em 2005, Valério disse que levou um belo calote dos tucanos. Verdade. O Rural executava a dívida e pedia a penhora de seus bens. Porém, em março de 2001, o banco mudou um ofício à 1º Varal Cível de Belo Horizonte informando que as partes estavam negociando um acordo. Em abril de 2003, a ação foi encerrada: em novo gesto de generosidade o banco topou aceitar 2 milhões de reais e liquidou a dívida que já beirava os 14 milhões. Curiosamente, três meses depois, Valério e o Rural repetiram a fórmula tucana com o PT. Somente entre julho de 2003 e maio de 2005, o Conselho de Controle de Operações Financeiras (COAF), órgão do Ministério da Fazenda, registrou saques em dinheiro de 20,9 milhões de reais feitos por empresas de Valério no Rural (Caros Amigos, p. 11, novembro de 2005).

Além das matérias já destacadas pelo jornalista João de Barros sobre o banco Rural, outra que chama atenção é do economista, ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Carlos Lessa. No ensaio, Lessa, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, faz um retrato da corrupção no País, mas com outra linha de abordagem e interpretação. O professor esquerdista fala das dificuldades vividas pelo povo - o miserável - e sua incrível capacidade de sobrevivência e criatividade, o qual sempre foi submetido à exclusão social, sobretudo do direito de viver com dignidade, como nesta parte de seu artigo:

A economia brasileira foi extremamente dinâmica, porém engendrou uma sociedade marcada por escandalosas distâncias em termos de distribuição de renda e riqueza. Jamais a população foi incorporada ao núcleo moderno. Em outro trecho, continua o economista, o clássico exemplo é a feijoada. O lombo do porco e o pernil iriam para a mesa do senhor. O rabo, as patas, as orelhas, o focinho eram lançados para aperfeiçoar o gosto do feijão que apenas dispunha de um pedaço de toucinho e carne-seca. Nasceu a feijoada e, de sua sobra, no dia seguinte, o tutu. Hoje, não muito diferente, a elite dominante aproveita a pechincha: compra barato o voto daquele que não representa seu eleitor. Isso permite manter uma política serventária dos macrointeresses, com gasto relativamente pequeno no processo eleitoral. O mandatário exerce seu voto no Legislativo em resposta a seu interesse pessoal; apóia qualquer medida antipovo, desde que tenha certeza de que será financiado em sua futura reeleição, na recompra votos-mercadoria. (Caros Amigos, p.13, novembro de 2005).

Para Abramo, a singularidade dos jornais alternativos estaria nessa abordagem, quer dizer, angulação, uma vez que apresentavam uma linha editorial diferente em relação à grande imprensa, com toda a estrutura de pensamento e lógica conceitual dissidente da mídia convencional (ABRAMO, 2005). De forma geral, os textos da revista, como destaca o livro *Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil*, mostram o posicionamento político dos jornalistas, oferecendo uma outra proposta de leitura. Esse posicionamento, como

lembra Medina (1988), é o nível pessoal, que determina a abordagem dos textos, a partir de uma opção particular, no caso, política dos jornalistas.

Desse modo, os jornalistas assumem seus objetivos políticos, propondo alternativas de informação. No caso da revista, este nível está mais identificado ao pensamento esquerdista, ideologia política tradicionalmente contestadora. Talvez, boa parte desse posicionamento deve-se aos editores da *Caros*, antigos jornalistas da revista *Realidade*, um dos principais marcos do jornalismo alternativo na época, mesmo sendo pertencentes a uma empresa multinacional do ramo de comunicação.

Embora, em alguns casos - exceções se comparados a outras publicações do mesmo periódico- apresente tons apelativos em suas capas. Em novembro de 2000, a *Caros Amigos* lançou na capa a mulher que supostamente teve um filho com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No entanto, no período analisado, em especial à edição de setembro, percebe-se claramente a identificação dos níveis grupal e pessoal, uma vez que a revista dedicou-se a abordar somente assuntos sobre corrupção, o que revela seu interesse particular sobre o assunto como nos ensaios dos colunistas. Ao dedicar-se ao tema em voga, a revista procurou não abordar uma linha sensacionalista ou apelativa, típicas de jornais que adotam o nível massa para chamar a atenção de leitores, como cita Medina (1988).

Ao propor uma alternativa de leitura, a *Caros Amigos* segue o mesmo caminho dos jornais “nânicos” na época do regime militar: contrapor, corrigir, desmistificar e desvendar a imprensa burguesa. A partir de seus ensaios, artigos e entrevistas a *Caros* faz uma outra releitura dos principais acontecimentos noticiados pela mídia, abrindo assim espaços para a pluralidades de idéias e opiniões sobre um mesmo assunto, algo que tem sido negligenciado pela grande imprensa.

CONCLUSÃO

A análise do período recortado das revistas da *Caros Amigos* mostra que ainda é possível, mesmo num cenário competitivo e monopolizador, como é os meios de comunicação de massa, existirem espaços para periódicos que buscam veicular informações, baseados em critérios não sensacionalistas e apelativos, comuns em alguns tradicionais veículos informativos, que querem chamar a atenção do leitor e aumentar suas vendas.

Diferentemente deste nível massa, que opta por notícias com forte apelo popular e mercadológico, como destaca Medina (1988), a cobertura nacional política da *Caros* constrói-se pelos critérios de interesse público e direito à informação, com pluralidade de idéias e versões sobre um mesmo tema. Na verdade, pode-se dizer que essas notícias são construídas a partir do nível grupal, expressa nas “entrevistas explosivas”, que abordam temas e personagens (fontes) excluídos ou com pouco espaço na grande imprensa, e, principalmente, o nível pessoal, expresso nos ensaios e artigos de seus colaboradores, em sua maioria, colunistas, dos quais têm espaço e independência para a criação de seus textos.

O periódico, na verdade, como destaca o secretário-geral da redação da *Caros Amigos*, Thiago Domenic, segue “um projeto de jornalistas que assumem seus objetivos políticos e oferecem alternativas a grupos segregados pela grande imprensa” (DOMENIC)¹⁰.

Por ser uma revista de periodicidade mensal e ter em seu quadro importantes intelectuais esquerdistas do cenário nacional, a *Caros Amigos* apresenta, como um de suas grandes características, uma linha de abordagem diferente da grande imprensa, dando-lhe assim um sentido mais crítico em seus textos. Essa diferenciação expressa-se nos assuntos não propalados nos veículos de comunicação, dos quais o periódico procura enfatizar sua

¹⁰ Conforme a entrevista feita pela Internet em maio de 2005.

importância, abrindo espaço para fontes divergentes falarem o que pensam, ao contrário do discurso oficial. Já para os temas em voga, a revista procura contextualizá-los, não ocultando e fragmentando fatos jornalísticos, que podem “induzir” a um tipo de interpretação, comuns em alguns periódicos semanais, que optam pelo denunciamento, sem a comprovação de fatos. Um exemplo é a edição especial de novembro, a qual o periódico dedicou-se ao tema “Corrupção”, no caso o suposto Mensalão -caixa dois montado pelo PT, para comprar parlamentares da base aliada do Governo Federal.

Dessa maneira, a *Caros Amigos* atua na mesma perspectiva dos jornais alternativos na época, nos anos 60 e 70 do século passado, como destaca Abramo (2005), ao oferecer uma outra opção de leitura, alcançando assim seu grande objetivo, como fazia a imprensa nanica, ao contrapor os principais meios de comunicação.

Ao propor uma “alternativa de leitura” sobre os assuntos nacionais políticos frente à grande imprensa, como faz a *Caros*, é que se consagrou, observa Abramo (2005), a expressão “alternativa”, papel da imprensa política que tentava-se contrapor à grande imprensa na época do regime militar. Sob essa perspectiva, pode-se dizer, atua a *Caros Amigos* ao oferecer uma outra interpretação e análise sobre os temas pautados pelos meios de comunicação.

Com base neste estudo, é possível mostrar que ainda há espaços para revistas que assumem abertamente seu posicionamento político-ideológico de esquerda, chamado de nível grupal e pessoal, na classificação de Medina (1988), mas, diferente de outros periódicos, a *Caros* opta por um caminho diferente dos tradicionais veículos da grande imprensa por não oferecer informações jornalísticas padronizadas, apelativas e superficiais.

Para os profissionais do ramo de comunicação este estudo pode mostrar que a *Caros Amigos*, diferentemente de um cenário em que a informação apresenta-se superficial, fragmentada e circunstancial, resultado talvez da concorrência e expansão dos meios de

comunicação, busca na contramão deste tripé jornalístico resgatar, com seus ensaios, artigos e entrevistas uma forma diferente de jornalismo, na qual a informação deve ser mais trabalhada, abrangente, analítica e, acima de tudo, divulgada com senso crítico e responsabilidade social.

Bastante diferente da conjuntura política e social em que surgiram a imprensa alternativa à época - período de forte opressão política e militar no final dos anos 60 do século passado - a *Caros Amigos* pode ser encarada sob o viés de veículo alternativo por se diferenciar da grande imprensa quanto ao conteúdo da informação e, principalmente, por oferecer uma contraposição ao discurso oficial propalado pela mídia. Afinal, ela atua na mesma perspectiva da imprensa nanica na época referida: fortalecer a democracia a partir da pluralidade de idéias, opiniões e pensamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Imprensa Alternativa: Alcances e Limites**. Textos Perseu Abramo. Imprensa Alternativa/Fundação Perseu Abramo [online] < [http://www.fpabrmo.org.br/perseu/imprensa_ alternativa](http://www.fpabrmo.org.br/perseu/imprensa_alternativa). Acessado no dia 10 de maio de 2005

AMARAL, LUIZ. **A Objetividade Jornalística**. Porto Alegre: Editora Afiliada, 1996.

ARAÚJO, Maria Paulo do Nascimento. **Política, Esquerda e Imprensa Alternativa no Brasil dos anos 70**. In: Associação de Estudos do Tempo Presente [online] < <http://www.ufrj.br/tempo/mariapaula.html>>, acessado no dia 10 de maio de 2005

BARBALHO, Alexandre. **Cultura e Imprensa Alternativa**, Fortaleza, Vozes, 2000.

BARBOSA, Marialva e HOHLFELD Antônio. **Jornalismo no Século XXI – a cidadania**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 2002.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa – Jornalismo de Oposição e Inovação**. São Paulo: Editora Ática, 1995

FRANCISCO, José Bicudo Pereira Filho. **Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil**, São Paulo: Annablume, 2004

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**, São Paulo: Página Aberta, 1991.

LAGE, A **Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**, São Paulo: Editora Ática, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Notícia – Um Produto à Venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**, São Paulo: Summus, 1988

PAES, Maria Helena Simões **A Década de 60 – Rebeldia, Contestação e Repressão Política**, São Paulo: Série Princípios, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O Que é Contracultura**, São Paulo: Brasiliense, 1992.

SILVA, Juremir Machado. **A Miséria do Jornalismo Brasileiro – As (in)certezas da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Editora Vega, 1993.

SCHMIDT, Mário. **Nova História Crítica**, São Paulo: Nova Geração, 2005.

ANEXOS

Anexo – Capas e fragmentos de entrevistas, artigos e ensaios (63 à 91)